

REPRESENTAÇÕES MÍTICAS E HEROICIZADAS DE D. PEDRO II NO PRESENTE¹

MYTHIC AND HEROIC REPRESENTATIONS OF D. PEDRO II IN THE PRESENT

Mauro Henrique Miranda de Alcântara²

RESUMO: O presente artigo busca analisar, em diferentes narrativas sobre D. Pedro II, no tempo presente, o quão mitificado e heroizado é por elas. O faz a partir de leituras teóricas e historiográficas que evidenciam a construção de heróis como estratégia e função da/na história do Brasil. Verifica-se a perpetuação de narrativas sobre o Imperador retirado, por vezes, do seu ambiente histórico, e transformado em exemplaridade para o presente. Desta maneira, estas narrativas sobre o monarca o constroem a partir de figurações míticas e/ou heroizadas.

Palavras-chave: Biografia; D. Pedro II; Mito; Herói.

ABSTRACT: This article seeks to analyze, in different narratives about D. Pedro II, at the present time, how mythical and heroic he is by them. It does so from theoretical and historiographic readings that show the construction of heroes as a strategy and function of / in the history of Brazil. There is a perpetuation of narratives about the Emperor, sometimes removed from his historical environment, and transformed into an exemplar for the present. In this way, these narratives about the monarch build him from mythical and / or heroic figures.

Keywords: Biography; D. Pedro II; Myth; Hero.

1 Agradecemos à FAPERO, CAPES e IFRO pelo financiamento das pesquisas nas quais resultaram este trabalho.

2 Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professor do Instituto Federal de Rondônia. E-mail: alcantara.mauro@gmail.com.

D. Pedro II é descrito/configurado como um mártir, por muitos biógrafos, historiadores, jornalistas e setores da sociedade brasileira contemporânea. Visto como uma espécie de “estadista modelo”, devido a características e realizações do seu reinado, como a liberdade de imprensa, melhoramentos tecnológicos, a instalação de telefone, telégrafos, estrada de ferro, etc. Contudo, ele conviveu durante 48 dos 49 anos do seu reinado, com a escravidão. Para o momento histórico, sua atuação, e até mesmo pela situação estrutural pela qual o país vivia, não se pode alegar contradição em sua prática política. Porém, transformar-se em uma espécie de “modelo” político, mesmo levando em conta à época na qual viveu, nos leva a entender que ele foi transformado em um “modelo”, não pela sua prática, mas pela pena do biógrafo. A percepção e compreensão dos sujeitos do presente são resultantes dessas diversas narrativas sobre o Imperador. O tempo é um vetor interessante para a construção de heróis, mitos e mitologias.

Como diz Arnelle Enders, “o ‘herói’ era um morto divinizado (2014, pos. 78), e geralmente são considerados heróis aqueles sujeitos “cujos feitos suscitaram a admiração pública, ou mesmo apenas a atenção do público” (2014, pos. 80). Poderiam ter sido, então, “meros ‘atores’, nem sejam bons ou maus” (2014, pos. 80). Essa situação exemplificada por Enders, apresenta uma explicação sobre o monarca do Segundo Reinado. De fato, ele fora um “ator”, e representando como um herói nacional muito antes de morrer³. A teatralidade política do Império, acabou por concebê-lo como um símbolo da nação, e responsável pela estabilidade política e unidade do país⁴.

Todavia, mesmo com o fim da monarquia em 1889 e após sua morte em 1891, a vida do Imperador continuou a ser biografada, lembrada, exaltada e comemorada. Em um primeiro momento, a política republicana buscou silenciar a figura do monarca na história do Brasil. No entanto, a atuação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (ENDERS, 2014), as dificuldades da estabilidade da República nos anos vinte (GUIMARÃES, 2009), e, principalmente a chegada de Vargas no poder, colaboraram com a construção do herói D. Pedro II, instituindo-lhe o papel de “servidor honesto e patriótico” (GUIMARÃES, 2009, p. 73), Lúcia Maria Paschoal Guimarães, sintetiza a forma como era representado D. Pedro II nos anos de 1920:

Na memória nacional, desatrelou-se a figura do soberano dos signos da realeza para convertê-lo em uma figura atemporal e apolítica – “o honesto e patriótico servidor do Brasil”. A imagem de d. Pedro II alcançou novas dimensões simbólicas, em contraste com as práticas e os vícios que enfraqueciam a credibilidade do regime inaugurado em 1889. E, paradoxalmente, tais representações seriam apropriadas e cristalizadas pela própria República, que o elegeu o “governante exemplar, nacionalista virtuoso, cidadão incorruptível, defensor das liberdades, precursor da democracia nacional”. (GUIMARÃES, 2009, p. 82)

3 Para maiores informações sobre a teatralidade política construída acerca da atuação política do Imperador D. Pedro II, consultar a biografia escrita por Lilia Moritz Schwarcz, **As Barbas do Imperador** (Companhia das Letras, 1998). Em nossa dissertação de mestrado, publicado em formato de livro em 2014, dedicamos um capítulo para verificar como as biografias retratavam a atuação de D. Pedro II no processo de extinção da escravidão no Brasil, e acabamos por verificar que essas obras acabam por modelar o personagem D. Pedro II, de acordo com os seus objetivos e os lugares sociais e institucionais dos seus biógrafos. Para maiores informações ver: D. Pedro II e a Emancipação dos Escravos, Editora CRV, 2014.

4 Ver **As Barbas do Imperador** (1998) e o **Imperador Cidadão**, de Roderick Barman (UNESP, 2012).

Como é possível verificar, D. Pedro II foi ressignificado pela República, com uma função muito explícita: o modelo de homem político. Enders descreve que o herói possui certa função na sociedade na qual está sendo requisitado. Ela descreve dois modelos de heróis, o “funcionalista” e o “essencialista”. D. Pedro II se encaixaria no primeiro, pois ele seria o “produto da conjunção de um indivíduo com os anseios coletivos” (ENDERS, 2014, pos. 80). Como argumenta Lúcia Guimarães, diante da situação complicada com a qual estava convivendo a República, resgatar no passado um modelo de político e transformá-lo em herói, é uma estratégia de quem está no poder. Dessa maneira tira o conteúdo histórico do monarca, exaltando qualidades que o presente necessita, criando narrativas para justificar sua trajetória e buscando torná-la exemplar. Aos moldes do que Giovanni Levi chama de biografia exemplar (LEVI, 2006).

Arnelle Enders ainda apresenta uma mudança significativa da ressignificação do “herói” D. Pedro II, no século XX. Em um primeiro momento, como o apontado por Lúcia Guimarães, o Imperador fora evocado com um importante “vulto” da nação, um agente político “modelo”. No entanto, ele era um entre vários “vultos” que cortaram a história do Brasil. Justava-se a ele nomes como José Bonifácio, D. Pedro I, Duque de Caxias, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto. Mas para Enders, com o governo Vargas, muda-se de figura explicativa. Da valorização dos grandes nomes, dos “vultos”, passa-se a valorizar os grandes estadistas, os chefes da nação: “a intensificação dos rituais cívicos em torno das personalidades que dirigiam o Brasil – particularmente dom Pedro II – e o culto à figura de Getúlio Vargas assinalaram a transição da era dos grandes vultos para a dos chefes, rompendo assim com o período antecedente” (ENDERS, 2014, pos. 3861).

Mais uma vez, verificamos que o personagem D. Pedro II passa a ser exaltado em um novo momento histórico. Não mais como “servidor honesto e patriótico”, mas agora como um modelo de “Chefe de Estado”, um grande líder. E novamente verificamos a função da biografia para a política e a construção da nação.

De encarnação da nação e teatralmente exemplo para todos durante o seu reinado, D. Pedro II foi ressignificado como um “vulto” da nação, sendo visto como um “servidor honesto e patriótico” e posteriormente como modelo de “Chefe de Estado”. Podemos verificar que com o tempo, mudaram-se as formas, mas a sua vida continua a ser representada no presente.

Como diz Reinhart Koselleck, apesar das mudanças que verificamos na ciência da história, a multiplicidade de tempos históricos com os quais os historiadores lidam e de terem distanciados dos “contos de fadas do passado antigo”, não se pode esquecer que “seres humanos, dos quais eles falam, continuam sendo os mesmos” (KOSELLECK, 2014, p. 276). E a realidade humana constrói e é governada por heróis e vilões, mitos e lendas. Como historiadores, devemos buscar, dentro das possibilidades que nos atina, a desmitificação das narrativas e dos sujeitos históricos. Mesmo assim, devemos compreender que eles continuarão a existir e em certa maneira, a governar as pessoas⁵.

Para que um personagem histórico, como D. Pedro II, pudesse ser transformado em um herói

5 Em nossa tese de doutorado (**As Intrigas do Imperador: uma análise de narrativas biográficas sobre D. Pedro II**), apresentamos uma longa discussão sobre a construções de mitos e heróis, por/nas narrativas biográficas. Para maiores informações, ver o capítulo I, “Biografia, História e Ficção” (ALCÂNTARA, 2019).

e/ou visto como um mito político⁶, foi necessário que a conjuntura social e política do tempo histórico permitisse esse ato. Como argumenta Raoul Girardet,

O nascimento do mito político situa-se no instante em que o traumatismo social se transforma em traumatismo psíquico. É na intensidade secreta das angústias ou das incertezas, na obscuridade dos impulsos insatisfeitos e das esperas vãs que ele encontra sua origem. (GIRARDET, 1987, p. 181-182)

As mudanças vividas e vivenciadas pelo Brasil no século XX, tais como a mudança de regime político, da monarquia para a república, sem a participação (efetiva) popular⁷, a organização de oligarquias políticas que se revezavam no poder, mas não sem conflitos, e as ausências de referências políticas, líderes e principalmente, de nomes que simbolizassem e sintetizassem a história do país, colaboraram para a retomada da imagem do Imperador, como um importante “vulto” da história da nação.

Com a tomada do poder das oligarquias dissidentes em 1930, e a personificação do novo regime na figura de Vargas, uma nova representação e paralelo histórico era necessário, para justificar e legitimar o governo. Transformar D. Pedro II em um grande estadista, tomando por base o que descreve Enders, foi uma artimanha do governo Vargas.

No entanto, para que esse personagem tivesse um apelo social significativo, não meramente um herói, mas transforma-se em um mito político, era necessário que ele tivesse empatia da sociedade e ela visse nele um exemplo a ser seguido, ou, um modelo que poderia ser seguido pelo atual líder da nação. Girardet explica que “todo processo de heroificação implica” em uma “certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história” (GIRARDET, 1987, p. 82). O apelo ao monarca e sua evocação como uma espécie de mito político, com o surgimento de diversas narrativas sobre a sua vida, seja biografias, reportagens, trasladação dos seus restos mortais da Europa para o Brasil, construção de um mausoléu, com rituais repletos de pompa e, inclusive, patrocinado e organizado, direta ou indiretamente, pelo incipiente regime republicano, nos demonstra que sua figura alegórica levava certo prestígio naquele momento histórico⁸.

6 Importante assinalar algumas considerações sobre a construção do mito e do herói. Este, costumeiramente é um ato deliberado de um autor, seja ele real ou ficcional. Ou seja, o herói é uma construção, para uma determinada função. Seja como um símbolo ou uma significação política, como estamos relatando em relação do Imperador D. Pedro II, seja como um personagem de uma narrativa ficcional (Para maiores informações, ver a obra do Mikhail Bakhtin, **A Estética da Criação Verbal**, Editora Martins Fontes, 1997). O mito, por outro lado, está vinculado a ordem social vigente, a empatia de um público ao personagem, a construção de diversas outras narrativas que atribuem diversos significados ao personagem. Ele pode ser uma espécie de “Salvador”, representante de uma “Idade de Ouro”, pivô de um “Complô” ou até mesmo símbolo de uma “Unidade”. Como diz Girardet, “O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência” (GIRARDET, 1987, p. 82). Para maiores informações consultar a obra do Raoul Girardet, **Mitos e mitologias políticas** (Companhia das Letras, 1987). O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência (GIRARDET, 1987, p. 82).

7 Para maiores informações, consultar a obra de José Murilo de Carvalho, **Os Bestializados** (Companhia das Letras, 1987).

8 Para maiores informações sobre o “resgate” da memória do Imperador no final da Primeira República, e

D. Pedro II transformou em uma espécie de “herói alegórico”. Como explicitado por Enders, o “herói alegórico” “torna-se por vezes tão alegórico que se junta aos emblemas nacionais devidamente repertoriados” (ENDERS, 2014, pos. 146). Em diversos momentos, o Imperador é o símbolo da nação. Ou melhor, a metáfora do estadista modelo, um “grande homem” que construiu o país. Podemos retomar a citação da Lúcia Guimarães: ele transforma-se em um ser atemporal e apolítico, e é elevado a representante da construção da nação. Apesar de ser símbolo de um tempo histórico, suas qualidades e sua atuação são interpretadas de forma atemporal e apolítica.

Arnelle Enders explica que é uma tradição da história nacional recorrer a exemplos históricos da nação para realizar a síntese da história. Por mais que a nossa história seja problematizada, revista, revisitada, os heróis permanecem. Um exemplo que ela cita na obra é o caso de Zumbi dos Palmares. Inicialmente, a Princesa Isabel era a síntese, a heroína, que pôs fim a escravidão. A história sendo revista e reavaliada, acabou por verificar e sintetizar na luta do líder do Quilombo dos Palmares, a figura alegórica que representaria o fim da escravidão. Mudou-se a forma de ver o processo; mudou-se os protagonistas; mas não mudou a necessidade constante da construção de heróis⁹.

Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*, descreve vários fatores que colaboraram na construção das nações ocidentais. Como diz o título, tratava-se mais de ideias, de imaginações, ficções, do que de condições concretas para a organização de um país e a formação de uma nação. A língua, questionáveis marcos geográficos, religião, e até mesmo empatia com determinadas lideranças, foram responsáveis pela formação das nações. Anderson explica que o fenômeno do nacionalismo foi bastante dinâmico, e por isso ele conseguiu desenvolver-se em diversos lugares, momentos e regimes políticos:

Em uma forma muito similar, desde fins do século XVIII o nacionalismo tem experimentado um processo de modelação e adaptação, de acordo com as diferentes épocas, regimes políticos, economias e estruturas sociais. Em consequência, a “comunidade imaginada” se tem estendido a todas as sociedades contemporâneas concebíveis. (ANDERSON, 1993, p. 220)

Pensamos que a construção de heróis, e a transformação deles em mitos políticos¹⁰, foram sempre importantes amalgamas para a construção da nação brasileira. Esse fato ajudaria a explicar as várias ressignificações históricas do Imperador D. Pedro II, no decorrer do século XX e chegando até o século XXI. Sendo assim, a “comunidade imaginada” Brasil, tem nos seus heróis, importantes fundamentos para a manutenção da unidade e territorialidade. Principalmente nos momentos de dificuldades e crises, eles aparecem. Uns como vilões e outros como heróis. E às vezes os vilões transformam-se em heróis, como é o caso da ressignificação pela qual passou D. Pedro II durante a Primeira República.

a sua instrumentalização política pelo governo Vargas, consultar as obras: GUIMARÃES (2009); ENDERS (2010).

9 Alguns estudos históricos e historiográficos apresentam tais perspectiva. Solange Andrade apresenta esta discussão sobre a construção de mártires a partir da religiosidade católica (2008) e Thaís Nívea de Lima Fonseca, descreve as representações de mártir em Tiradentes (2002).

10 O contrário também seria verdadeiro: o mito político narrado como herói.

Vivemos um momento político conturbando, no qual as lideranças e, podemos até dizer, símbolos da chamada “Nova República”, estão sendo questionados, desvalorizados e, em alguns momentos, transformados em vilões. Os dois presidentes que por mais tempo ficaram no poder, pós 1988, Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva, e representantes de uma política que conseguiu “estabilizar” os problemas econômicos e políticos, e até avançar nas questões sociais brasileiras, hoje são vistos (ou ao menos construídos por parte da opinião pública e setores da sociedade) como símbolos de má administração ou até mesmo de coniventes ou partícipes da corrupção nacional.

Novamente o passado é exaltado como “solucionador” dos problemas do presente. Setores, apesar de minoritários da sociedade, vão as ruas pedir a intervenção militar. Políticos que conciliam seus discursos com apoio ou simpatia ao governo dos militares, têm ganhado (questionáveis) apoio popular.

Por outro lado, principalmente com o trabalho das Comissões da Verdade espalhadas pelo Brasil, as quais buscaram investigar e trazer a público os crimes cometidos pelos militares e civis do Estado brasileiro durante o regime militar, ajudaram a combater esse “mito” de uma “época de ouro” (GIRARDET, 1987) da ditadura militar e apresentada, às vezes, como um momento de crescimento e “progresso” da nação. As investigações destas comissões apresentaram e explicitaram os casos de violência, tortura, corrupção etc.; desmistificando tal construção. Contudo, a pouca repercussão nas mídias e a crise política vivenciada, infelizmente não tem permitido propagar e disseminar tais verdades.

Para além desse resgate mais próximo da história do Brasil, e mitificação da ditadura militar, há certa mobilização nas redes sociais, reportagens em jornais e até mesmo livros publicados romantizando o período da monarquia. Mais uma vez D. Pedro II surge como um símbolo de “Estadista Modelo”, ou como diz Lúcia Guimarães “servidor honesto e patriótico”.

Chegamos ao final dessa primeira parte do trabalho. Vamos, agora, verificar em narrativas contemporâneas, como D. Pedro II está sendo retratado, representado e ressignificado. Será que ele ainda é representado como um “vulto” da nação? Ou ainda seria um “modelo” de estadista? Quais serão as formas e conteúdos explicitados a esse personagem? Qual a sua relação com a nação brasileira? O ambiente histórico que vivemos, resgatou nas qualidades exaltadas pelas diversas narrativas sobre D. Pedro II, o estadista que resolveria nossos problemas contemporâneos?

Para dar sequência a esse trabalho, utilizaremos três narrativas sobre o Imperador: primeiro a biografia publicada pelo britânico Roderick J. Barman, *O Imperador Cidadão*, traduzida para o português em 2013 (Editora da Unesp). Posteriormente vamos analisar como D. Pedro II está sendo retratado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*, na qual foi capa da Edição 86 de novembro de 2012. E por fim, analisaremos os posts do perfil de “D. Pedro II do Brasil”, mantido no Facebook.

Acreditamos que poderemos verificar nessas narrativas, como o herói possui uma função funcionalista na história do Brasil, e a sua transformação em um mito político, mesmo quando problematizado e as vezes como objeto de estudo do historiador. A cada fissura, a cada trauma com o qual se depara a sociedade, o amalgama que favorece a continuidade de uma unidade e da possibilidade de um horizonte positivo, é vislumbrado e projetado em heróis do passado, entre eles está,

aparentemente, o segundo imperador.

O Imperador Cidadão

A escolha da biografia sobre D. Pedro II escrita por Roderick J. Barman não foi aleatória¹¹. O motivo de selecioná-la entre as mais de quarenta obras sobre a vida do monarca, é a forma como a narrativa foi pensada e escrita pelo biógrafo. O próprio título já deixa claro a imagem que Barman desenhou do biografado: “Imperador Cidadão”. O título em inglês é ainda mais contundente: *Citizen Emperor: Pedro II and the Making of Brazil, 1825-1891*, em tradução livre: “Imperador Cidadão: Pedro II e a formação do Brasil, 1825-1891). Para o historiador, o monarca do Segundo Reinado foi a mais importante figura política da segunda metade do século XIX, e o construtor de um ideal de nação.

As qualidades que Barman exalta em D. Pedro II nos permite verificar o quão contemporâneo é a forma que ele molda o biografado: para além do regime monárquico, centralizador e com uma legislação autoritária, o britânico verifica na trajetória e na prática política do Imperador, a busca incansável para se apresentar (e para o historiador, de fato ele consegue) como um modelo de cidadão para a nação, ainda em formação:

Diligente, paciente e, acima de tudo, perseverante, ele evitava iniciativas ousadas e confrontos. Primeiramente o imperador estabeleceu um domínio irrefutável sobre os assuntos públicos, e sua integridade e imparcialidade eram respeitados por todos. Mais do que isso, a identidade pública que ele desenvolveu incorporava os valores que o círculo do governo no Brasil desejava para o país. Ele era, ao mesmo tempo, o imperador modelo e o cidadão modelo. (BARMAN, 2012, p. 8)

Como cuidadoso historiador que é, Barman consegue perceber que a ideia de um “Cidadão-modelo”, foi um artifício político praticado por D. Pedro II¹² para moldar a nação, de acordo com as qualidades que ele acreditava serem as mais importantes para o desenvolvimento material e moral de um país. Afinal, é perceptível pela documentação do período, principalmente nas fotografias, pronunciamentos, cartas etc. verificar esse projeto de nação que D. Pedro II traçou para o seu Brasil. O próprio Barman descreve que o sonho do monarca seria transformar o Brasil na “França da América do Sul”:

Como governante e cidadão-modelo do Brasil, D. Pedro II incorporava a garantia e a promessa não do que a jovem nação era, mas do que poderia e deveria ser. Por abraçar a cultura europeia e a nova tecnologia, ele representava o futuro. O imperador desejava então converter o sonho em realidade, lançar o Brasil aos benefícios do progresso. [...] Desse modo, o país

11 Essa obra foi publicada em inglês, no ano de 1999 e traduzida para o português, pela Editora UNESP, em 2012. Barman escreveu, também, uma biografia sobre a Princesa Isabel (UNESP, 2005) e um livro sobre a formação do Brasil, “**Brazil: The forging of a Nation, 1798-1852**). Stanford: Stanford University Press, 1998.

12 Lilia Moritz Schwarcz, em **As Barbas do Imperador**, argumenta que a ideia de construir um Imperador Modelo, foi traçada pela elite imperial, responsável pela educação do menino imperador. Quando ele assumiu o poder, a partir de 1840, ele apenas projetou aquilo para qual ele foi educado, para não dizer, doutrinado.

seria a França da América do Sul. (BARMAN, 2012, p. 239-240)

Esse ideal de progresso da nação, foi algo comum para as nações americanas no século XIX. D. Pedro II (e a elite imperial) apenas ressignificou para princípios monárquicos esse processo de ganho “civilizatório” e de desenvolvimento material.

No entanto, conceber a ideia de um cidadão-modelo para a monarquia brasileira, que insistia em valorizar os títulos nobiliárquicos, que pouco mostrou-se interessada em pôr fim a escravidão e na massa de pobres e analfabetos que habitavam o país, e pouco compreendiam o cenário político no qual estava embevecido o Brasil, nos impõe impossibilidades de verificar uma ideia, mesmo que inicial, de cidadania¹³. Fora isso, a própria contradição de um monarca, que possuía amplos poderes (o poder moderador, que podia intervir nos demais poderes) e, apesar de buscar uma conciliação entre os partidos, nunca deixou de utilizá-lo quando achou necessário. Ele poderia ter sido um modelo de cidadão, mas apenas para uma parte muito ínfima da população brasileira. Basicamente a parte que monopolizava o poder político e econômico.

Sendo assim, por mais importante que tenha sido o Imperador, e não temos dúvidas disso, transformá-lo em um Imperador Cidadão em uma narrativa, é construir uma perspectiva heroificada e mítica do personagem. Pois, toma-se valores do presente para avaliar uma atuação do passado. As duas características apontadas por Lúcia Guimarães são representadas nesse exemplo: atemporalidade e apolítica.

Outra comparação realizada por Barman, também pode ser muito questionada:

Na história da América Latina desde a independência, ninguém se manteve no poder com tanta firmeza e por tanto tempo quanto D. Pedro II do Brasil. A única figura comparável é Fidel Castro, que tomou o poder em Cuba após a revolução de 1959. Por suas personalidades e seus sistemas de governo, ambos os governantes moldaram em larga medida o caráter e a cultura pública de seus Estados-nações. Dada à situação do Brasil em 1840, quando D. Pedro II começou a governar, seus feitos e sua influência duradoura foram de insuperável importância. (BARMAN, 2012, p. 7)

Acreditamos que nessa comparação entre D. Pedro II e Fidel Castro, a única situação comparável é o tempo que ambos estiveram no poder. Por mais que ambos foram (e ainda são) importantes para os seus respectivos países, o que eles representam possuem sentidos completamente contrários. Talvez, se Barman tivesse apontado a construção e ressignificações de ordem mítica e heroica dos dois personagens, pudesse ser mais contemplador o cenário por ele apontado.

Mas a última frase do fragmento aponta para o sentido mítico que o biógrafo modela o seu biografado: D. Pedro II foi o elo que permitiu a continuidade da unidade nacional. Quando aponta para 1840, Barman aponta para as diversas rebeliões regenciais, que ameaçaram a unidade do país. No entanto, parece que esses problemas foram solucionados quando o monarca assumiu o trono do país. O historiador representa D. Pedro II como uma metáfora do segundo reinado, ou melhor, a metáfora da segunda metade do século XIX brasileiro. Mais do que o Imperador Cidadão ou o Cidadão Modelo, para Barman, ele é a síntese do sucesso de um tempo histórico. Ele é o mito da “unidade” explicitada por Girardet (1987). No entanto, ele também é o estadista que manteve a continuidade

13 José Murilo de Carvalho destrincha de forma interessante a questão da cidadania no período em seu livro **Cidadania no Brasil: o longo caminho** (Civilização Brasileira, 2005).

da escravidão, situação que é menor para obra.

Tal percepção e construção narrativa, por mais cuidadosa, repleta de documentos históricos, análises e comentários, não perde de vista a ideia de um herói que possui valores para além do seu tempo histórico e síntese de uma história positiva do país. E tal situação é mobilizada por diversas outras narrativas que verificamos no presente.

Pedro II, o Estranho¹⁴

D. Pedro II foi capa da Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN) em novembro de 2012. O Imperador foi tema de três seções da revista: Imagem da capa, Reportagem e Livros.

No principal espaço destinado a explicar sobre a paradoxal trajetória do monarca, a reportagem assinada por Lorenzo Aldé, é bastante emblemática logo no título: "D. Pedro II, quem explica?". O que mais sobressai na narrativa é a enigmática vida do Imperador:

Legítimo descendente das mais nobres dinastias monárquicas europeias, D. Pedro II acreditava mesmo era no regime republicano. Imperador desde os cinco anos de idade, era fã da democracia. Abolicionista declarado, viu seu país ser o último a acabar com a escravidão nas Américas. À frente de uma nação com 80% de analfabetos, seria para sempre lembrado por sua dedicação à Educação. Conhecido como "rei filósofo", não nos legou qualquer produção intelectual ou artística própria. Contido e comedido, avesso aos "tristes negócios da política", logrou garantir a estabilidade política e a unidade nacional diante de pressões diversas, sobressaindo-se pela atuação segura na maior guerra que o Brasil já enfrentou. (RHBN, 2012, p. 17)

Esse trecho introdutório da reportagem apresenta a tônica do restante do texto: buscou-se verificar as diversas e paradoxais narrativas sobre a vida do monarca, e, principalmente, o que mais sobressaiu nelas. Utilizaram para escrever a reportagem uma entrevista com Roderick Barman e a sua biografia sobre o monarca. A biografia escrita por José Murilo de Carvalho também foi consultada, bem como uma entrevista com a historiadora Alessandra Fraguas. Um texto biográfico apresentado por Gilberto Freyre em 1925 e publicado em 1975, é o que mais apresenta de diferenciado na reportagem, pois descreve o monarca como uma espécie de puritano político, o que contrariava com o cenário tropical brasileiro. A famosa expressão do século XIX é recuperada por Freyre na obra, a tirania do "lápiz fatídico", com o qual o monarca censurava a tudo e a todos.

O texto faz um interessante balanço sobre as diversas representações imputadas ao personagem D. Pedro II na história. Devido essas variadas explicações, o desfecho da reportagem deixa claro que a proposta seria apresentar uma (ou algumas) das possíveis leituras sobre o Imperador: "Eis mais uma leitura possível do nosso multifacetado personagem. Quem não gostou que conte outra" (RHBN, 2012, p. 23).

Apesar de exaltar as qualidades que estão vinculadas a trajetória de D. Pedro II, principais nas obras biográficas, a reportagem buscou problematizá-las, como é possível verificar no trecho que transcrevemos. Exceto pela última passagem do fragmento, na qual apresenta uma posição,

¹⁴ Título de capa da Revista de História da Biblioteca Nacional, Edição n. 86, Ano 8, novembro/2012.

se não heroica, ao menos exaltada da atuação do Imperador na guerra, a qual Brasil, Argentina e Uruguai lutaram contra o Paraguai.

Poderíamos dizer que o “balanço histórico” sobre o personagem foi satisfatório nessa seção. Ao menos a visão mítica e/ou heroificada foi questionada e problematizada. No entanto, nas outras seções verificamos outras abordagens.

Na seção “Livros”, a resenha da biografia escrita por Roderick J. Barman, assinada pelo historiador Robert Daibert Junior, apresenta uma síntese muito interessante sobre a obra, apesar do reduzido texto. Não há uma perspectiva laudatória sobre a obra, nem sobre o personagem biografado. Notamos apenas que Daibert Júnior percebe que Barman vê no Imperador, a metáfora da construção da nação brasileira no século XIX: “ao longo do livro, o leitor é convencido de que, para o bem ou para o mal, a vida de D. Pedro II se confundia com a história da formação do próprio Estado-nação ao longo do século XIX” (RBHN, 2012, p. 92). Apesar de ser uma questão que mereceria certo questionamento, porém devemos compreender que esse não era o objetivo, e nem caberia neste diminuto espaço problematizá-la.

Porém, o que presenciamos no texto explicativo sobre a Imagem da Capa¹⁵ é uma narrativa que descreve não o rosto envelhecido de um personagem histórico, e sim a explicação mítica de uma trajetória:

D. Pedro II nunca perdeu a majestade, e seu prestígio só faz aumentar com o tempo. [...] O que temos diante dos olhos é o retrato [...] de um homem prematuramente envelhecido pela doença e fatigado pelo longo confronto com a mesquinha, o egoísmo e a cupidez que até hoje são as principais forças motoras da política brasileira. [...] É o retrato de um homem de aparência aristocrática [...] mas vestido com a simplicidade burguesa, com aquela aparência de “mestre-escola” que seus opositores condenavam e que hoje apreciaríamos como sinal de despojamento e sabedoria. O Imperador não se preocupava em parecer o soberano que verdadeiramente era, desconcertando seus contemporâneos [...]. D. Pedro II tinha 66 anos ao falecer. Nesta fotografia, ele devia ter pouco menos que isso, o que nos espanta hoje, pois aparenta ser octagenário. Por um lado, isso atesta o progresso obtido na qualidade de vida no século XX; por outro, os múltiplos problemas de saúde que afligiam o imperador. Neste pungente retrato, ele olha para esquerda do quadro – para o passado, considerando o sentido de leitura ocidental (esquerda-direita). É um passado do qual podia se orgulhar aquele que anotou em seu diário que procurava governar o país com a “razão livre de paixões, tanto quanto os homens a podem alcançar”. (RHBN, 2012, p. 4)

Como é perceptível por esse fragmento, Pedro Afonso Vásquez, que assina a seção “A imagem da capa”, comprou o “livro pela capa”. Basicamente ele representa o Imperador como ele gostava de ser apresentado. Neste momento muito das discussões que trouxemos na primeira parte, pode ser recuperada. Vásquez vislumbra no monarca, a qualidade que a ele foi imbuída na década de 1920: “O servidor honesto e patriótico”. Ele é o “vulto” da nação, um herói e ao mesmo tempo um mártir. Ao descrevê-lo como um governante que está “longe das paixões”, verificamos que ele o vê como um “estadista modelo” também. E tal sentença é uma forma de apresentá-lo de forma

15 A imagem é a de D. Pedro II já no exílio, envelhecido e de casaca. A imagem possui a legenda: “D. Pedro II, ex-imperador do Brasil”. Tirada em 1890, era comercializada pela Phot. Commercial do Rio de Janeiro. A foto tem a seguinte dimensão: 44,6 x 33,6 cm, e faz parte do acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Para saber mais, ver a edição da Revista de História da Biblioteca Nacional, n. 86, nov. 2012.

mítica, transformando-o em um personagem exemplar. A primeira frase tira a temporalidade histórica, transformando-o em um ser atemporal. Ele é vislumbrado como um mito político, quase como o Salvador, do qual fala Girardet:

[...] se o mito não pode deixar de conservar a marca do personagem em torno do qual ele se constrói, se, engrandecendo-os, tende a assegurar através do tempo a perenidade dos traços específicos que são os de sua fisionomia, não pode deixar, por outro lado, de depender ele próprio, em sua forma como em seu conteúdo, das circunstâncias, historicamente delimitadas, nas quais é elaborado. (GIRARDET, 1987, p. 82)

Se na década de 1920 Gilberto Freyre¹⁶ apresentou o monarca de forma satírica e não contemplador da realidade brasileira, as condições históricas do presente, facilitaram para que Vásquez apresenta-se o puritano D. Pedro II como um mito, que foi tragado pela mesquinha política da política brasileira, assim como outros personagens históricos. A cenografia¹⁷ do Imperador, ou seja, a forma como ele é apresentado e o seu conteúdo, demonstra a carga mítica e heroificada que Vásquez dá o personagem. A atemporalidade é outro indicativo da construção mítica. O envelhecimento é causado pelas condições “insalubres” da política nacional. Esse é o um paralelo com o presente? Em outro ambiente ou momento histórico, talvez outras motivações seriam ligadas ao envelhecimento do monarca.

Outra característica que assinala a percepção mítica (e heroica) do personagem, na escrita de Vásquez é a relação que ele faz com a sua simplicidade, mesmo que fosse a burguesa, pois o luxo era relacionado aos rituais majestosos, e a sua aparência de “mestre-escola”. Essa caracterização alegoriza uma figura que, apesar de possuir grande conhecimento, é humilde e simples como outras personalidades, como os professores, intelectuais.

Esse texto é um exemplo de como um personagem histórico do século XIX, que viveu em um momento completamente diferente do qual vivemos hoje, chega até o presente como um mito sintetizador de um período histórico, mas ao mesmo tempo, como personagem exemplar, que encarnou os problemas com os quais vivenciamos até hoje (a mesquinha política) e sua capacidade governativa sem “paixões”.

Se essa é a percepção sobre uma imagem, podemos perceber que um leitor de uma biografia sobre D. Pedro II verifica semelhanças e expõe uma narrativa, no mínimo, exemplar-heroificada. Na seção “Livros”, a subseção “Meu livro preferido de História”, Estevão Cavatta, cineasta, fez uma síntese da sua percepção sobre a biografia “D. Pedro II”, escrita por José Murilo de Carvalho. Ele apontou como seu livro preferido de história. Contemplamos trechos do depoimento:

E agora todos concordam que Pedro II foi um “cara maneiro”. [...] Ele [o livro] é recente, mas em cinco anos se tornou um clássico importante para a literatura brasileira. Mostra que, se não fosse Pedro II, talvez a gente vivesse hoje em outro Brasil. Mostra ainda que ele fez um governo totalmente focado em governar; ele foi formado para isso, não se lambuzou com o poder, como aconteceu com tantos outros. E, realmente, o Brasil teve conquistas enormes nesse período, não apenas bélicas, mas também no campo do conhecimento. O “cara” era amigo do Proust e dialogava com Nietzsche! [...] eu humildemente me inspiro nesta obra e em seus ideais. No caso dele, os ideais de Pedro II são ligados à forma de governar, no meu, referem-se a como administrar meu talento, as pessoas que convivem comigo e os meus tra-

16 Ver o texto escrito por Gilberto Freyre (1975).

17 Sobre o conceito de cenografia, consultar MAINGUENEAU (2008).

balhos. (RHBN, 2012, p. 93).

Como é possível observar, a biografia escrita por Murilo de Carvalho é lida de forma exemplar, no modelo da História Mestra da Vida pelo cineasta que dá o depoimento. D. Pedro II deixa de ser um sujeito histórico, e que teve determinada função política, para ser um exemplo, um modelo, um herói. Mais uma vez, apesar do depoimento apresentar certa historicidade, ao falar sobre as “conquistas enormes nesse período”, o personagem ganhar um ar atemporal, e, também, apolítico, pois é como se ele tivesse sido um político brilhante e incorruptível. Pois para o cineasta, D. Pedro II “não se lambuzou com o poder”. Tal relação é uma leitura vista pelo presente.

Essa recepção sobre a biografia de um historiador importante, e principalmente, conhecido pelo seu rigor acadêmico¹⁸, demonstra o quão mitificado é o personagem D. Pedro II. Por mais que a obra não questione os posicionamentos e a própria trajetória política do monarca, ela problematiza e relativiza certas atitudes e decisões. No entanto, a leitura que o leitor tomou é aquela possível para o momento histórico e facilitada pela concepção do personagem no presente e pela narrativa biográfica.

D. Pedro II do Brasil, o nobre viajante

A página Pedro II do Brasil, é mantida por um grupo intitulado Equipe Pedro II do Brasil, na seção Declaração de autoria da página. Atualmente ela conta com mais de 138 mil seguidores e mais de 136 mil curtidas, segundo dados estatísticos retirados no próprio website. Não há menção das pessoas por trás desta “equipe”, contudo, na seção “informações de contato”, consta um número de telefone e um contato via e-mail do Museu Imperial de Petrópolis. Apesar de não se tratar de uma página oficial deste órgão, mas, os indícios nos trazem para pessoas que são vinculadas a ele.

A descrição da página já demonstra o tom laudatório e heroificado do personagem homenageado por ela: “Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil por 50 anos é considerado por muitos o maior e melhor Governante da História do País” (PEDRO II DO BRASIL, 2020). A página parte de certos princípios, que modelam o personagem com um mito político: “Defensor perpétuo do Brasil”, “maior e melhor Governante da História do País”. Tais colocações já apontam para uma posição de destaque do homenageado e de busca em apresentá-lo com tais qualidades, mas vendo-o no presente. Ao colocá-lo como o melhor governante do país, e, também, o maior, perde-se de vista a historicidade do seu governo e de sua vida: o seu período histórico, o regime político, a estrutura social e econômica. Equipara-se longos dois séculos e compara-os. É tomado pela atemporalidade e apolítica apontada por Lúcia Guimarães.

Para verificar como as narrativas dos posts apresentam D. Pedro II, retiramos fragmentos de uma publicação de 15 de março de 2015, a qual relata sobre a relação entre o Imperador e o

18 Precisamos lembrar que apesar do rigor acadêmico, e de ser tratar de uma obra na qual Carvalho fez diversas pesquisas e leituras, ele não fugiu da estratégia ficcional na obra. Ele apresenta em sua narrativa, D. Pedro II como um drama shakespereano, dois personagens vivendo em um mesmo corpo. Para maiores informações, consultar Alcântara (2014).

processo de abolição da escravidão, tema tão caro ao seu reinado, e objeto de diversas discussões no meio acadêmico:

Pedro II, nutria de experiências em viagens, mas em grande maioria pelo território nacional, pois achava mais ético ver de perto os problemas de seu povo. [...] Apenas em 1871, quando Pedro conseguiu a tão sonhada Lei do Ventre Livre, depois de mais de 25 anos de tentativas frustradas, pois suas leis muitas vezes não eram aceitas pelo ministério formado por conservadores monarquistas. Sentiu um maior alívio para realizar mais um grande sonho, de viajar em um navio a vapor cruzando o atlântico rumo ao velho mundo tão familiar em suas leituras e estudos. [...] Pedro viajou mais de 35 mil quilômetros pelo território dos Estados Unidos, sempre contra os ideais do sul do país que era agrário e escravista. Certa vez, uma senhora milionária sulista inconformada com a derrota do Sul, na guerra civil americana de 1861-1865, lhe propôs ser imperador daquela região e anexar o sul americano ao império do Brasil. "A isto respondi com dois "Never!" bem enfáticos! Escreveu em seu diário. Não só a proposta deve ter o irritado e ofendido diante suas convicções, mas também tinha ojeriza de ser reconhecido como um imperador escravista, pois muitos na época e até mesmo atualmente não entendem que se tratava de um governo parlamentarista, aonde tudo passava pelo Senado e pelo Ministério, que sempre tinham a última palavra nos inúmeros pedidos de lei que Pedro mandava-os, principalmente para abolição, soluções de apara os negros libertos, ecologia e redes ferroviárias por todo território nacional, ligando o sul ao norte do império continental. [...] Em 1992, D. Pedro II foi homenageado por ter reflorestado toda a área que hoje abrange o Parque Nacional da Tijuca, que antes eram fazendas de café. Por causa de sua consciência ecológica em uma época onde isto era uma utopia, ele mandou reflorestar com Mata Atlântica nativa, o trecho ao longo do corcovado até o final do maciço da Pedra Branca, na década de 70 e 80 do século XIX. Hoje, muitas destas áreas estão destruídas devido a ocupação irregular de mansões, condomínios e principalmente de favelas, que em registros oficiais surgiram 3 anos após a Proclamação da República, devido ao rompimento de ajuda aos escravos libertos pelos Militares. A Lei Aurea original que continha trechos de ajudas financeiras, amparos sociais para todos negros, incluindo conjuntos habitacionais já em fase de construção. Todo projeto foi abandonado e destruído em 1889 por Deodoro e seu novo governo [...]. (PEDRO II DO BRASIL, 2020)

Esse fragmento é bastante esclarecedor sobre a imagem projetada nesta página sobre o Imperador D. Pedro II. Nela, o monarca sempre foi um abolicionista e tentou agilizar o fim da escravidão desde o princípio do seu reinado. No entanto, o entrave político era o partido conservador, que bloqueava as tentativas do Imperador em ver o fim da escravidão. Isso contraria a historiografia sobre o assunto em diversos aspectos. Primeiro ela discorre que, apesar de demonstrar interesse em ver a escravidão se esvaír do território brasileiro, D. Pedro II sempre apregoou mudanças sem grandes rupturas. Ou seja, o processo deveria ocorrer de forma lenta e gradual¹⁹. Além disso, foi sob o comando do Partido Conservador que duas importantes leis que caminharam para o fim da escravidão foram aprovadas: A Lei Eusébio de Queiróz, aprovado em 1850 e que proibiu e puniu severamente os traficantes de escravos e a Lei do Ventre Livre em 1871²⁰.

Tais colocações, sem o cuidado de um debate historiográfico ou do processo histórico que seja, possui a intencionalidade de apresentar o Imperador como vítima de uma estrutura que não compreendia as suas qualidades. Nesta ótica, era a estrutura política do Brasil no século XIX que impedia o "grande homem" D. Pedro II de melhorar ainda mais o seu país. Tanto que, quando ele é deposto pelos militares, que proclamam a República, vê-se várias reformas sociais, tais quais as que iriam conceder "amparos sociais para todos os negros" se perder. Para esta página, a monarquia,

19 Para maiores informações, ver artigo de minha autoria publicado pela revista História e-História, em agosto/2014, intitulado: **D. Pedro II e a Abolição da Escravidão: uma análise historiográfica.**

20 Para maiores informações, ver a obra da Emília Viotti da Costa (1982).

liderada pelo “magnânimo” D. Pedro II conseguiu melhorar e evoluir o país, e a república retrocedeu, impedindo os avanços, e, também colaborando para a degradação da nação.

Podemos verificar no fragmento que D. Pedro II não é apenas um “vulto” da nação, mas o principal nome da política nacional, o “melhor e mais importante governante da História do País”, como descrito na página. Ele é um mito, que hoje apresenta-se como um modelo a ser copiado para que a nação possa voltar a trilhar os caminhos do progresso, modernidade e civilidade.

Ele é o exemplar político preocupado com o seu povo e com as contas públicas, tanto que dispensa recursos do Estado para custear suas viagens não oficiais, o que é um “fato impensável atualmente, aonde os governantes e políticos em geral fazem questão de tirar dinheiro do povo para até as mais “básicas” extravagâncias” (PEDRO II DO BRASIL, 2020). Novamente voltamos ao passado como exemplo para o presente e projeção para o futuro.

Finalizando, essa página do Facebook, acompanhada por uma quantidade expressiva de pessoas, que não só curtem, como compartilham e comentam sobre a atuação desse personagem histórico, é a exemplificação da validade e da atemporalidade dos mitos políticos e da sua importância para a história do Brasil. É um D. Pedro II revisitado e revisto como importante nome, o “Estadista-modelo”. Os problemas do seu reinado são diminuídos, esquecidos ou até mesmo transformados em problemas dos outros. Suas qualidades e atuação é exaltada e tida como exemplar. Seu comportamento se perseguido pelas lideranças políticas de hoje, seria a salvação da nação. Eis o comportamento de um “Salvador”: reinventado, de acordo com os traumas sociais e psíquicos do tempo histórico que o resgata.

Considerações Finais

As narrativas que aqui apresentamos, desde as historiográficas até as biográficas e documentais, possuíam os determinados objetivos para o texto: apresentar e discutir sobre as representações míticas e heroificadas de D. Pedro II no presente e as representações funcionalistas que fazem de seu nome e sua trajetória para a história nacional. Apesar de diferentes documentos (uma biografia, fragmentos de uma revista e posts de uma rede social) e formas de análise e escrita sobre a trajetória do monarca, ambos apresentam, como maior ou menor grau, uma narrativa romanceada do personagem, e em todas elas ele é um protagonista heroificado.

Como foi possível perceber pelas discussões historiográficas que apresentamos no texto, D. Pedro II foi sendo significado e ressignificado na história, e as várias interpretações sobre a sua vida e a sua função na história do Brasil, acabaram por torná-lo um mito político. As narrativas do presente que apresentamos aqui, por mais que buscassem problematizar o lugar e o papel do Imperador, não deixaram de vê-lo como um mito da história nacional.

Por fim, tais construções e disseminações sobre personagens de nossa história, nos ajuda a compreender a importância e a força da atuação dos mitos na realidade da sociedade ocidental, e, também é mais um campo interessante de trabalho do historiador. Que vão contar outras histórias sobre D. Pedro II, isso é inegável, mas se vão deixar de vê-lo como um herói nacional, isso já é outra

história.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, M. H. M. **As Intrigas do Imperador**: uma análise de narrativas biográficas sobre D. Pedro II. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2019.
- ALCÂNTARA, M. H. M. D. **Pedro II e a Abolição da Escravidão**: Uma Análise Historiográfica. *História e-História*, v. agosto, p. professores, 2014. Disponível em <https://www.academia.edu/42058609/ALC%C3%A2NTARA_M._H._M._D._Pedro_II_e_a_Aboli%C3%A7%C3%A3o_da_Escravid%C3%A3o_Uma_An%C3%A1lise_Historiogr%C3%A1fica_Hist%C3%B3ria_e-Hist%C3%B3ria_v._agosto_p._professores_2014>. Acessado em: 01 mai. 2019.
- ALCÂNTARA, M. H. M. **D. Pedro II e a Emancipação dos Escravos**. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- ALCÂNTARA, M. H. M. **Imperador Cidadão**. *Revista Documento Monumento*, Cuiabá, v. 11, n. 1, jul/2014.
- ANDERSON. B. **Comunidades Imaginadas**: reflexiones sobre el origen y la difusion del nacionalismo. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ANDRADE, Solange Ramos de. **A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir**. *Projeto História*, São Paulo, n. 37, p. 237-260, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARMAN, R. J. **Imperador Cidadão**. São Paulo: Unesp, 2012.
- CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CARVALHO, J. M. **Os Bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COSTA, E. M. **Da senzala à colônia**. São Paulo: Livraria Editora de Ciências Humanas e Sociais, 1982.
- ENDERS, A. **Os vultos da nação**: fábrica de heróis e formação dos brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. Ebook.
- FONSECA, Thaís Nívea de Lima. A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela imprensa: a vitalização dos mitos (1930-1960). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 439-462, 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Dom Pedro II**: Imperador Cinzento de uma Terra de Sol Tropical. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1975.
- GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GUIMARAES, L. M. P. Os funerais de d. Pedro II e o imaginário republicano. In: SOIHET, Rachel; ALMEIDA, M. R. Celestino de; AZEVEDO, Cecilia; GONTIJO, Rebeca. (Org.). **Mitos, projetos e prá-**

tics políticas. Memória e Historiografia. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009. v. 1. p. 69-82.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo:** estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC Rio, 2014.

LEVI, G. "Usos da biografia". In: Ferreira, M.; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MICELLI, G. P. **D. Pedro II do Brasil.** perfil do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/DpedroIIdoBrasil/?fref=ts>. Acessado em: 22 jan. 2016.

PEDRO II DO BRASIL. **Facebook.** PÁGINA CRIADA EM 21 NOV. 2012. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/PedroIIBrasil/about/?ref=page_internal. Acesso em: 08 abr. 2019.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL, n. 86, nov. de 2012.

SCHWARCZ, L. **As barbas do imperador:** D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em: 06 de maio de 2019.

Aprovado em: 30 de setembro de 2019.

